

Larosière vê co-responsabilidade

PARIS — No momento em que o governo do Brasil declara a "moratória técnica", determinando a suspensão temporária do pagamento dos juros de sua dívida externa, a análise desse problema de Jacques de Larosière, até janeiro último diretor-geral do FMI e atual governador do Banco da França, assume dimensão significativa, podendo constituir contribuição importante para os negociadores brasileiros que deverão tratar do problema muito brevemente com os principais credores dos bancos comerciais.

Segundo Jacques de Larosière, a co-responsabilidade continua a ser o elemento-chave da estratégia de qualquer renegociação, uma posição muito próxima do recente documento da Comissão Justiça e Paz do Vaticano, segundo revelou o matutino católico *La Croix*, em artigo sobre o assunto.

Credores e devedores devem vencer-se de que ambos tiveram responsabilidade na situação atual, pois, sem isso, dificilmente poderá caminhar-se para a solução do problema. Em segundo lugar, uma solução satisfatória não apenas da dívida latino-americana, mas do conjunto do mundo em desenvolvimento, só será possível no contexto de uma política de crescimento duradoura dos países endividados, o que supõe a necessidade de investimentos importantes e da melhor qualidade.

Outra recomendação do atual governador do Banco da França aos países devedores é a necessidade desses países explorarem, ao máxi-

mo, suas possibilidades de exportação. Paralelamente devem também ser adotadas medidas estruturais, mas de orientação produtiva, com estímulo ao desenvolvimento privado.

Mas para que qualquer estratégia de crescimento tenha êxito é indispensável a manutenção da estabilidade financeira, pois ela inspira confiança aos comerciantes, investidores e credores, no interior do país ou na área externa. Mas, não são apenas medidas de ajustamento econômico nos países endividados que permitirão a esses países sair do buraco em que se encontram.

É preciso lembrar que 70% das exportações do conjunto da América Latina são absorvidos pelos países industrializados. Ora, são as políticas econômicas desses países que influenciam as taxas de juros e o próprio valor das moedas para a fixação dos preços dos produtos (presentemente, os sete mais ricos do mundo ocidental estão reunidos em Paris para tratar exatamente desses dois problemas: taxas de juros e paridade das moedas mais fortes).

Assim sendo, é preciso que, paralelamente, os países ricos eliminem as medidas protecionistas aplicando políticas monetárias e orçamentárias compatíveis com o crescimento durável e não inflacionário da demanda mundial, com nova queda das taxas de juros internacionais e restabelecimento de estrutura mais apropriada das taxas de câmbio.

Jacques de la Rosière, quando tratou desse problema em Genebra,

diante do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, chamou também a atenção para a necessidade de se estimular o fluxo de financiamentos em direção dos países endividados, fornecendo créditos oficiais à exportação e aumentando a ajuda pública ao desenvolvimento.

Isso talvez explique a estratégia do governo francês e que consiste em manter sua posição em relação ao Brasil, devendo autorizar créditos de exportação com garantia *Coface* para o Brasil.

Outro aspecto lembrado por Jacques de la Rosière diz respeito às transferências de recursos operadas a partir dos países em desenvolvimento para os países ricos, cerca de 80 bilhões de dólares no ano passado, o que indica que os credores atualmente se encontram em melhor situação financeira para apoiar os esforços de crescimento dos endividados.

Quanto à participação do Fundo Monetário, Jacques de la Rosière está convencido de que a Instituição não pode continuar a desempenhar seu papel no que diz respeito à dívida externa se não dispor dos meios necessários.

A colaboração com o Banco Mundial deve ser reforçada. Nos últimos anos, o FMI intensificou seus contatos com certas instituições, melhorando a compreensão sobre a maneira de melhor proteger os grupos sociais mais vulneráveis durante o processo de ajustamento econômico dos países que a ele recorrem.

(R.J.)